

Jesualdo Cavalcanti



TEMPO
DE
CULTURA



Jesualdo Cavalcanti



TEMPO
DE
CULTURA

Jesualdo Cavalcanti

Jesualdo Cavalcanti

TEMPO DE CULTURA



CULTURA
DE
TEMPO

PI

301.150 981 22 Barros, Jesualdo Cavalcanti, 1940
– Tempo de Cultura. Teresina,
1985. 56 p.

1. PIAUÍ – CULTURA
2. PIAUÍ – CIVILIZAÇÃO E
COSTUMES

I. Secretaria de Cultura, Des-
portos e Turismo.

II. Título

*Ao Governador Hugo Napoleão
com o testemunho de seu devotamento
à causa da cultura.*

ÍNDICE

	Página
IDEÁRIO – A. TITO FILHO	7
APRESENTAÇÃO	11
CULTURA, SÓ COM LIBERDADE	13
O NOVO PIAUI NÃO ESQUECE OS VALORES DE SUA FORMAÇÃO.	15
A VINGANÇA DO PIAUI.	17
O HOMEM E O MOMENTO HISTÓRICO	23
FAZER CULTURA NO PIAUI É PIAUIENSIZAR	25
CULTURA POPULAR: DEMOCRACIA NA CUL- TURA.	27
POLÍTICA VOLTADA PARA AS MANIFESTA- ÇÕES DO POVO.	29
NINGUÉM QUER SER POBRE DE ESPÍRITO	31
OS MONUMENTOS DISPENSAM ENDEREÇOS.	33
MUSEU DE ARTE SACRA DE OEIRAS	35
FRUTO DA ABERTURA POLÍTICA	37
PERMANENTE LIÇÃO DE AMOR AO PIAUI	39
EXEMPLO PARA OS QUE SE EDUCAM E EDUCAM CIVICAMENTE PARA A VIDA.	43
RETRATO FALADO DE TERESINA CINQUEN- TONA.	45
PROJETO DE CULTURA, PROJETO DE VIDA	47
OEIRAS NÃO SE ENVERGONHA DE SER VELHA	51
É BOM SER PIAUIENSE	55

em um programa de mais infante ensino
cional.

IDEÁRIO

Lições de trabalho e de civismo, maneiras de sentir e de interpretar, de preferência exemplos de conceber ora se ajuntam neste manual de assuntos sintetizados pela perspicácia de Jesualdo Cavalcanti, embora cada um dos temas guarde, no íntimo, a profundidade do estudo e da interpretação. Linguagem sadia, correta; estilo agradável, simples; objetividade, bom gosto — nos pronunciamentos do autor nada se pôs de modo desnecessário, mas tudo se fez na medida justa da clareza ideal.

De março de 1983 a igual mês de 1985 — dois anos de esforços — a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí pode relacionar realizações vultosas, como o Projeto Petrônio Portella, que já editou dez obras de vária natureza; os novos e caprichados cenários do Monumento do Jenipapo, perto da cidade de Campo Maior, local da batalha sangrenta entre piauienses e portugueses pela independência; o Museu do Couro; as festas folclóricas; os constantes episódios artísticos no Theatro 4 de Setembro; a guarda de peças sacras reunidas como patrimônio histórico; o incentivo ao bom humor; as solenidades comemorativas do primeiro centenário do nascimento de Da Costa e Silva — en-

fim, um programa do mais intenso cunho educacional.

João XXIII ensinou que se socializassem os bens essenciais da vida: o alimento, a casa, a educação, entre outros — bens que deveriam caber a todos os indivíduos. O mesmo princípio deveria estender-se aos bens culturais — e as comunidades inteiras deles se conscientizariam.

Jesualdo Cavalcanti escreve idéias honestas quando pretende que um projeto de cultura seja um projeto social de vida. Nada mais simples e acertado. A própria vida vale o conjunto de todos os processos culturais. E assim pensando, buscou os núcleos populacionais interioranos e animou-os, deu-lhes alma. Dia por dia tem combatido o bom combate para que o Piauí se torne mais conhecido no seu presente de conquistas, sem que se esqueça o seu passado distante, certo de que a tradição corresponde a ato de transmitir, de ensinar pelo testemunho das pessoas, pelas lembranças, palácios, obras de arte, objetos, monumentos públicos e pelos textos escritos. Não se deslembrou de que o Piauí representa também um museu de sociologia, — o curraleiro encourado e o gado — e da rês se aproveitava tudo, a carne, os ossos, o tutano bofes, cascos, chifres. Em tudo o bovino: na panela, no cornimboque, nas liteiras, no gibão, nos arraios, em vasilhames de viagem, nos calçados. Civilização do couro, assim que se dizia. A moeda nos velhos tempos, era o boi vivo.

Pois aqui está um compêndio de idéias válidas e nobres. Ideário que faz bem ao Piauí. Diga-se desse piauiense autêntico: o destaque em que cedo se situou não foi ambicionado; foi-lhe imposto pela sua emancipação espiritual.

A. TITO FILHO

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é fruto de reflexões, por vezes tímidas, sobre alguns temas. Temas não propriamente escolhidos por mim, mas aflorados no dia-a-dia do exercício do cargo de Secretário de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí.

Embora esparsos, esses escritos no entanto se intercomunicam, pois refletem, em instantes vários, as mesmas preocupações. E nestas sobressai, inarredavelmente, a necessidade de afirmação do Piauí, a marcação de sua identidade no contexto nacional.

Entendendo que um projeto de cultura deve ser um projeto social de vida, acredito que a afirmação do Piauí, portanto seu renascer, depende, essencialmente, de ser levado a cabo o seu projeto fundamental — plasmar, pelo engajamento consciente, um piauiense menos contemplativo, mais participativo.

Selecionar os instrumentos que viabilizem esse objetivo deve ser, no meu pensar, o móvel de uma política cultural, que há de processar-se de forma dinâmica e transformadora, para revestir-se do mínimo de autenticidade.

O resto é elitismo que não condiz com o espírito dos novos tempos, marcado, não há negar, pela emergência de forças sociais antes marginalizadas.

Teresina, abril de 1985.

Jesualdo Cavalcanti Barros

CULTURA, SÓ COM LIBERDADE (*)

Eis o sétimo número da *Presença*, que assinala uma das manifestações de nossa participação no panorama cultural piauiense.

Embora de roupagem nova, permanece, de forma inequívoca, seu compromisso inicial: ser um veículo aberto àqueles que, novos ou veteranos, busquem espaço ou queiram abrir caminhos no mundo das letras e das artes.

Expressa-se, neste particular, nosso propósito de traduzir em ações efetivas a idéia de democratização da cultura.

Democratização que pressupõe a arregimentação da comunidade na produção e fruição dos bens culturais.

Democratização, por outro lado, que ao condenar a censura de caráter nitidamente político, também repele o patrulhamento ideológico, uma e outro, manifestações deletérias da intolerância e do maniqueísmo, sempre totalitárias.

Fazer ou viver cultura, só com liberdade.

(*) Editorial da Revista *Presença* nº 7 — março/julho 1983

Dai o clima de liberdade que exprime o conteúdo desta revista. A exemplo das demais ações da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, na atual gestão, como o II Salão de Humor do Piauí e o próximo Concurso de Contos "João Pinheiro", certamente.

O NOVO PIAUÍ NÃO ESQUECE OS VALORES DE SUA FORMAÇÃO (*)

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, ao colocar à disposição do público o CALENDÁRIO DE EVENTOS 84, o faz com a convicção de que está a preencher mais uma das tantas lacunas existentes no contexto sócio-cultural do Piauí.

Este trabalho, painel que registra algumas promoções do ano em curso, no Estado, exprime parte das nossas inquietações no tocante à divulgação do Piauí real, aquele Piauí que se reúne, debate, brinca, cria, dança, canta, toca, representa, expõe, disputa, participa e reza.

É o novo Piauí que desponta, mas sem a veleidade de esquecer os valores de sua formação cultural, do que resulta a presença marcante das festas de cunho religioso, que constituem, principalmente nas pequenas comunidades interioranas, os acontecimentos por excelência de sua vida social.

Não tem este CALENDÁRIO a pretensão de ser perfeito, completo, acabado. Até porque, se o afirmássemos, estaríamos a negar, inutilmente, a dinâmica dos fatos sociais e seus efeitos multiplicadores.

(*) Apresentação do Calendário de Eventos — 1984

Além do mais, o Piauí de hoje é, social e culturalmente, muito grande para caber em tão modesto trabalho, que há de registrar apenas aquilo que conseguimos captar no universo das nossas limitações.

Esperamos que, com a colaboração sempre indispensável das instituições oficiais e privadas e da comunidade em geral, possamos, nas edições subsequentes, ampliá-lo e aperfeiçoá-lo.

A VINGANÇA DO PIAUÍ (*)

O Deputado Hugo Napoleão, ao avaliar, em discurso de 19 de março de 1980, a dimensão histórica da vida e obra do homem público Petrônio Portella, sentenciou que "na aparente ausência, a morte agigantou-lhe a presença."

Decorridos quatro anos de sua morte prematura, o homem que recomendava "não usar o incenso que embriaga, mas a verdade que retifica e esclarece", provou que "não há eloquência maior, que toque mais e encante e convença que a do exemplo."

Em verdade, de sua vida pública, qualquer faceta que se lhe examine, aflora, límpida, a força dominadora do exemplo, que ele, como ninguém, soube oferecer na trajetória de sua carreira política, rica de profundas inspirações e de atitudes de ousada grandeza e cristalina honradez.

"Poucos, talvez — diria o Senador Helvídio Nunes — tivessem a coragem e a grandeza que ele soube esbanjar, às vezes perdulariamente."

(*) Discurso no lançamento do Projeto Petrônio Portella, no Palácio de Karnak, em 06.01.84.

Tinha realmente "um destino indissociável da luta", pois, nascido no Piauí, retrato falado e vivido do que de mais pobre a pobreza do Nordeste ostentava, forçoso era superar a si mesmo, para que, agigantandô-se, a ele pudesse o seu Estado nivelar-se.

Dir-se-ia que, sem espírito de vingança, vingou o Piauí e o fez destinatário da reverência da Nação.

"Telúrico, como sua gente; universal, como homem de Estado", testemunha o Deputado Flávio Marcílio.

De fato, ninguém mais piauiense e, ao mesmo tempo, ninguém mais universal.

Na longa e difícil caminhada da província para o alto plano das grandes decisões nacionais, jamais abandonou o Piauí nem os piauienses. Ao contrário, transformava cada picada que abria, cada horizonte que descortinava, cada degrau que subia, numa vitória de seu Piauí, como se, por uma obstinada determinação histórica, estivesse a cumprir a missão de redimi-lo de séculos e séculos de abandono e isolamento.

É ele mesmo quem o confessa:

"Quando recolho algumas vitórias não as guardo como por mim conquistadas, mas como sendo de quem, em mandatos sucessivos de confiança, me proporcionou os instrumentos, como a têmpera que arma, a fé que sustenta e a inspiração que descobre os melhores caminhos — o Piauí."

E mais:

"O homem da terra, compulsivamente, em mim grita. Sou o que a terra de mim fez e, por isso,

a ela me entreguei, alheio a tudo, a glórias que entorpecem, às honrarias que enganam. Sinto em mim a autenticidade do piauiense que nunca olvidou os vínculos."

Preso às raízes da terra-berço, realizou, no entanto, a síntese da universalidade, por crer nos valores do humanismo, na superioridade do espírito, na força do amor e da virtude, no primado da verdade e da justiça, no poder da fé, no valor da cultura, e os viveu num ato continuado de incondicional doação.

No dizer do Senador Henrique La Rocque, "para ele, a cidadania, antes de ser um direito político, era uma disposição humanística para a vida."

Daí a sua entrega, de corpo e alma, à tarefa, por vezes incompreendida, de busca peregrina do desarmamento dos espíritos e da comunhão nacional, para a construção de instituições justas e democráticas, a cujo desvelo, engenho e arte a consciência do País credita o êxito da abertura política.

Arquiteto da abertura, foi, segundo o General Golbery do Couto e Silva, falando pela Nação, "a mais alta expressão política do cenário nacional, nestes últimos anos."

Mas não se limita à sua ação.

Numa "associação espontânea e natural entre a atividade política e a cultural", executou, na presidência do Senado, amplo e arrojado programa editorial, que, no testemunho insuspeito do historiador José Honório Rodrigues, "representa, em seu conjunto, uma afirmação de crença do Senador

Petrônio Portella no poder das idéias, no valor da cultura, de fé na inteligência do País.”

A grandeza de sua obra cultural lhe valeu a concessão da Medalha Machado de Assis, pela Academia Brasileira de Letras, em 1973.

Por sua devoção aos valores do espírito, a Academia Piauiense de Letras, embora morto, o fez imortal, numa feliz iniciativa do mestre A. Tito Filho.

Eis o homem que estamos a homenagear, com o lançamento do livro de Osvaldo Lemos e do programa editorial que leva seu nome — o Projeto Petrônio Portella.

“PETRÔNIO PORTELLA — Depoimentos à história”, cuja publicação a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo teve a honra de patrocinar, reúne opiniões várias sobre a personalidade marcante do maior dos piauienses.

O Projeto Petrônio Portella, prova do apreço que temos pela intelectualidade do Piauí e da nossa confiança na sua capacidade de pesquisar e criar, destina-se a estimular a produção literária e a editar obras de autores piauienses ou que reflitam aspectos de nossa paisagem, de nossa vida, de nossa história, de nossa cultura.

A convergência de tantos órgãos e entidades que o financiam, se dá idéia da preocupação do governo com a afirmação de nossa identidade cultural, reflete o espírito de coesão, de soma, de unidade, que Petrônio Portella soube inspirar, de forma envolvente e arrebatadora.

Para quem, como Petrônio, se identificou tão profundamente com a cultura e a intelectualidade piauiense; para quem dizia, como ele, que “as honrarias valem, quando ratificam ou consolidam vínculos profundos”, a homenagem que o Governo Hugo Napoleão ora lhe presta, tornando-o patrono de tão ousado programa cultural, é da maior eloquência e significação, por reverenciar-lhe a memória e o exemplo.

Assim, ele nos fortalece muito mais.

O HOMEM E O MOMENTO HISTÓRICO (*)

Reunindo testemunhos de segmentos ideológicos por vezes antagônicos, OSVALDO LEMOS, com este livro, pretende esboçar a dimensão da marcante personalidade de Petrônio Portella Nunes no contexto político do Brasil pós-64.

Não foi Presidente da República, ditador, *duce* ou *führer*. Sendo apenas Senador e Ministro da Justiça, marcou tão profundamente a vida política nacional, que ainda não nos acostumamos com o fato de tê-lo perdido, máxime nos momentos de crises institucionais.

Dizer que Petrônio foi um hábil político, pouco ou nada acrescenta à sua rica biografia. Pois, nessa privilegiada categoria também se incluem outros eminentes homens públicos de nosso País, os quais, mesmo lastreados na tradição do nome e no peso político de Estados importantes, não conseguiram desempenhar papel decisivo nos últimos 18 anos da política nacional.

Só Petrônio Portella Nunes. Do pequenino Piauí. Com dignidade e respeito.

(*) Apresentação do livro — "PETRÔNIO PORTELLA — Depoimentos à história"

Já se vê que, a par da reconhecida competência no trato dos assuntos políticos, de Petrônio fluía algo mais, como algo mais estava a reclamar a sociedade brasileira nos anos 70, desejosa de um novo pacto social e político.

Eis o homem e o momento histórico. A contemporaneidade da ação política e da aspiração coletiva.

De tudo promanou o ato político perfeito cristalizado na abertura democrática, da qual Petrônio emerge como seu indiscutível arquiteto.

Enfim, o estadista.

FAZER CULTURA NO PIAUÍ É PIAUIENSIZAR (*)

A comemoração da Batalha do Jenipapo, a 13 de março último, em Campo Maior, marca, com profunda nitidez, o sentido da vigente política cultural do Piauí.

De fato, ao reformar o Monumento do Jenipapo, nele registrando, em painéis de aço inoxidável, os atos de bravura dos que lá tombaram pela independência do Brasil, no distante 13 de março de 1823, tenta-se fazer lembrar que uma Nação se constrói com sacrifícios e, destes, a partir dos primórdios, o Piauí tem participado de forma efetiva, inclusive com a perda de muitas vidas. É uma maneira de avivar a memória, por vezes perdida; de reatar o compromisso histórico com os ideais de independência; de despertar o espírito de brasilidade e piauiensidade; de educar civicamente para a vida.

Outro não será o sentido da instalação do Museu do Couro, inaugurado no mesmo dia, compondo o complexo cívico-cultural de Campo Maior.

Foi na trilha do boi que se conquistaram os "sertões de dentro", as lendárias terras do Piagohy

(*) Editorial da Revista Presença nº 10 — jan/março 1984

de que nos fala Renato Castelo Branco. Tão embevecidos pela mística do boi, em torno das fazendas e dos currais, invertemos o itinerário tradicional da colonização brasileira — do litoral para o sertão — e, chegando tarde, só conseguimos “ganhar uma nesga do mar, que abre os horizontes e estimula os sonhos”, no dizer feliz de Martins Napoleão.

Fazer cultura no Piauí implica, antes de tudo, em **piauiensizar**, em identificar traços caracterizadores de nossa formação cultural, aquilo que nos distingue e individualiza.

Em ambas as ações — Jenipapo e Museu —, como se vê, emerge a preocupação com as nossas raízes, com o essencial, com o permanente. Se, na primeira, busca-se afirmar nossa fidelidade às lições de civismo do 13 de março, na segunda, procura-se divisar nossa identidade cultural e esta tem bases fincadas, e bem fincadas, naquilo que Capistrano de Abreu nominou de “civilização do couro”

Em tudo, viva é a presença altaneira do vaqueiro, vaqueiro que, também no Jenipapo, derramou seu sangue na campina ressequida, no capim seco dos campos maiores do Piauí.

CULTURA POPULAR: DEMOCRACIA NA CULTURA (*)

A realização, entre 21 e 24 de junho último, do VIII Encontro de Folguedos do Piauí, evento que reuniu na Prainha em torno de 20 mil pessoas por noite, evidenciou que as chamadas festas juninas realmente exprimem vigoroso traço cultural do povo piauiense. Constituem, percebe-se, a mais popular das festas do Piauí, pois singularmente mobilizam, alegam e encantam nosso povo, que as organiza espontaneamente e delas participa de forma entusiástica e contagiante.

Foi gratificante constatar a vibração popular em torno do forró, das quadrilhas caipiras, dos grupos folclóricos, do pau-de-sebo e de tantas outras brincadeiras resgatadas do esquecimento, singelas brincadeiras que animavam os nossos festejos mas que a violência do falso progresso se encarregou de sepultá-las como estigmas de atraso cultural.

A cultura popular viveu realmente o seu grande momento, em clima de sadia animação e salutar descontração. O povão ocupou a praça e dela fez, tocado por genuíno sentimento democrático, o

(*) Editorial da Revista Presença nº 11 — abril/junho 1984.

seu grande anfiteatro. Indiferente às crises e seus efeitos.

Dir-se-á que o Governo Hugo Napoleão, ao abrir-se para essas manifestações, incorpora a cultura popular, de forma definitiva, ao nosso sistema de valores. Fazendo-o, libera energias até então contidas no círculo restrito da elite social e as realimenta e vitaliza no contato com estímulos novos, hauridos em segmentos sociais mais amplos e mais livres, sem dúvida mais compatíveis com o sopro vivificador de aberturas tantas.

No fundo, cultura popular é a democracia na cultura.

POLÍTICA VOLTADA PARA AS MANIFESTAÇÕES DO POVO (*)

No dizer de Dagoberto Carvalho Júnior, "nenhuma cidade é portuguesamente brasileira se não nasceu em derredor de uma igreja".

Em verdade, desde o alvorecer de nossos dias, a presença da cruz compõe a paisagem urbanística e social brasileira. E de forma nítida, dominadora.

Terra de Santa Cruz, o símbolo da Igreja aqui fincou profundos alicerces e decora os pátios de nossas fazendas e as praças de arraiais, vilas e cidades.

É marco inconfundível de nosso processo colonial, da civilização originária dos currais do gado.

Com a igreja, os festejos religiosos. É inegável sua importância na vida de nosso povo, principalmente nas pequenas comunidades rurais. Não raro, constituem o maior acontecimento social do meio e espelham, em cores vivas, traço cultural significativamente marcante.

Sim, as festas religiosas interioranas, com seus gestos de humildes devoções, quermesses, danças, competições, crendices, brincadeiras e cantigas pastoris, mobilizam todas as camadas da sociedade

(*) Editorial da Revista Presença nº 12 — julho/setembro 1984.

local, envolvendo-as em atividades alegres e descontraídas.

É bem de ver que nenhuma política cultural poderá alcançar foros de autenticidade se não considerar esse painel de realidades e misticismos.

Por isso é que, preocupados com a afirmação de nossa identidade cultural, temos procurado apoiar essas manifestações e, assim, vitalizá-las como expressões da genuína cultura popular piauiense.

NINGUÉM QUER SER POBRE DE ESPÍRITO (*)

Cultura é um bem social. Integra o patrimônio da sociedade e, como tal, por esta deve ser gerido. Em cultura, ao Estado cabe exercer função indutora, seja estimulando a formação e expansão de valores intelectuais, seja facilitando o acesso de todos aos espaços que os abrigam ou às ações pelas quais eles se manifestam.

Nada mais amorfo que a chamada cultura oficial. Aquela que é produzida nos escaninhos do poder para deleite da massa. Em vez de estimular o espírito criativo, o inibe e estiola. E não poderia ser de outra forma, sabido que o ato de criação é, antes de tudo, um ato de liberdade. Liberdade, aliás, pouco compatível com a disciplina e o alinhamento que o poder normalmente impõe.

Se social é o bem cultural, social também deve ser a responsabilidade de preservá-lo e divulgá-lo. Todos somos responsáveis: o governo, a empresa, a sociedade.

A proposta da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, com a realização do Seminário — A

(*) Apresentação do convite para o Seminário "A Cultura nos Meios de Comunicação do Estado", realizado no Auditório Herbert Parentes Fortes, de 29 a 31.08.84.

CULTURA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DO ESTADO —, dimana do entendimento de que nossas manifestações culturais são expressões de nossa criatividade, de nosso gênio, devendo, por isso mesmo, ocupar maiores espaços na imprensa falada, escrita e televisada, sob pena de, em lugar da grandeza, evidenciar a indigência de nosso espírito.

Ninguém quer ser pobre de espírito. Nem deve.

OS MONUMENTOS DISPENSAM ENDEREÇOS(*)

Para Rui Barbosa, “não é possível estar dentro da civilização e fora da arte”

Assim pensando, não se pode falar em arte sem incluir sua forma mais dinâmica, mais calorosa, mais interativa — o teatro.

Desse entender nasceu esta Instituição.

E foi no distante 4 de setembro de 1889.

Naquele dia, uma comissão representativa de senhoras da sociedade local pede ao Presidente da Província, Teófilo Fernandes dos Santos, a construção de um teatro à altura dos ideais de grandeza da cidade que Saraiva iniciara no entre-rios da Chapada do Corisco, em 1852.

Dai o nome 4 de Setembro.

Colocada a pedra fundamental em 21 de setembro de 1889, sua inauguração se daria em 21 de abril de 1894, já no governo de Coriolano de Carvalho e Silva.

Lá se vão 95 anos de decisão de construí-lo, 90 de funcionamento.

(*) Mensagem pelo aniversário do Theatro 4 de Setembro, em 04.09.1984.

Antes, praça Aquidabã, sem número. Hoje, praça Pedro II, ainda sem número. Não importa: os monumentos dispensam endereços.

Formoso como a cidade que enriquece, a cada dia, com seu fecundo labor, o THEATRO 4 DE SETEMBRO testemunha a perenidade de nossa luta pela arte e a determinação de perpetuá-lo como símbolo vivo de nossa crença nos valores da cultura.

MUSEU DE ARTE SACRA DE OEIRAS (*)

O Governo Hugo Napoleão, por intermédio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, presta, com a colaboração de sua Diocese, mais uma homenagem à mui bela e tradicional cidade de Oeiras.

Trata-se da instalação do MUSEU DE ARTE SACRA, que reúne o rico acervo da paróquia que abriga o mais antigo templo do Piauí: a matriz, hoje Catedral de Nossa Senhora da Vitória, lá dos idos de 1733.

Quase tricentenária, a história de Oeiras se confunde com a história do Piauí. Ao reescrevê-la, restaurando, marco por marco, a memória de seu esplendor, representado pela Catedral de Nossa Senhora da Vitória, Sobrado Major Selemérico, Sobrado João Nepomuceno, Casa do Cônego, estamos a resgatar e revitalizar as raízes de nosso processo cultural.

Instalado no Sobrado João Nepomuceno, o MUSEU DE ARTE SACRA revela a riqueza e o fervor religioso dos que, às margens do Mocha,

(*) Apresentação do folder sobre o MUSEU DE ARTE SACRA, em 11.10.1984.

construíram a primeira capital do Piauí e a fizeram culta, formosa e heróica. E assim digna das aspirações de grandeza do bravo povo que se formava em torno dos currais dos sertões de dentro do Piauí.

A sua saga é a nossa história.

FRUTO DA ABERTURA POLÍTICA (*)

O presente catálogo reúne os trabalhos premiados no Salão de Humor do Piauí, realizado em 1982, 1983 e 1984, na Galeria de Arte do Theatro 4 de Setembro, em Teresina.

Trata-se, é bem de ver, pela qualidade dos trabalhos ora apresentados, de uma vitoriosa promoção da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo através da Fundação Cultural do Piauí.

O êxito do evento, cuja repercussão rompeu nossas fronteiras, nos estimula a promovê-lo em 1985, para o que a respectiva comissão organizadora, constituída por Albert Piauí, Kenard Krueel e José Elias Arêa Leão, de já, vem trabalhando entusiasticamente.

O Salão de Humor do Piauí endossa, de forma elegante e descontraída, a tendência brasileira para o gracejo, de espirituosidade carregada, não raro, de forte dose de crítica social e política.

Diria que o Salão é fruto do milagre da abertura. Da descontração política e espiritual.

(*) Apresentação do Catálogo do Salão de Humor do Piauí, novembro/1984

Expressa, enfim, o modo de ver e viver o momento histórico por que estamos a atravessar. Com jeitinho bem brasileiro, pois divertido e cordial.

PERMANENTE LIÇÃO DE AMOR AO PIAUI^(*)

Embora transcorra somente a 23 de novembro de 1985 o centenário de nascimento do poeta Antônio da Costa e Silva, tem a sua comemoração agora iniciada em nosso Piauí com esta solenidade, sem dúvida enriquecida da palestra do diplomata, ensaísta e crítico literário José Guilherme Merquior, uma das maiores expressões da cultura nacional, também membro da Academia Brasileira de Letras.

Apoiado por várias instituições culturais, sugere o Governo Hugo Napoleão, com o Ano da Costa e Silva, uma ampla discussão, avaliação e divulgação da obra de nosso poeta maior, de modo a torná-la mais conhecida dentro e fora das fronteiras provinciais.

Para isso, constituiu, já em fevereiro deste ano, a respectiva Comissão Organizadora sob a presidência executiva do Secretário que lhes fala e integrada pelos seguintes membros: Embaixador Alberto da Costa e Silva (filho do poeta e Presidente de Honra da Comissão); Atila Freitas Lira, Arimathéa Tito Filho, João Emílio Falcão Costa, Manoel Paulo Nunes, Álvaro Pacheco, Pompílio Santos,

(*) Pronunciamento na abertura do Ano da Costa e Silva, no Teatro 4 de Setembro, em 23.11.84.

Wilson Fernando do Rego, Benjamin do Rego Monteiro Neto, Francisco Câmara e Ricardo Costa Pinto, este representando a Secretaria da Cultura do MEC.

Por recente lei estadual, foi instituída a Medalha do Mérito Cultural Da Costa e Silva, a ser outorgada a pessoas físicas ou jurídicas que tenham prestado relevantes serviços ao Piauí nas letras, artes e ciências.

Ontem, o Congresso Nacional realizou sessões especiais em homenagem ao poeta, sendo oradores Helvídio Nunes e Nelson Carneiro no Senado, e os Deputados Celso Barros e Wall Ferraz, na Câmara.

Amanhã, no Auditório Herbert Parentes Fortes, o embaixador Alberto da Costa e Silva proferirá palestra às 9:00 horas e, à noite, na Praça-Monumento Da Costa e Silva, haverá apresentações artísticas calcadas na obra do poeta. No domingo, às 9:00 horas, ainda no Auditório Herbert Parentes Fortes, realizaremos debates sobre o papel das instituições culturais do Piauí na divulgação da obra de Da Costa e Silva. E à noite, na cidade de Amarante, finalizaremos a programação de abertura conhecendo a arte e o folclore da terra do poeta.

Vale registrar que a próxima edição da Revista Presença será dedicada exclusivamente a Da Costa e Silva.

Com a abertura do Ano da Costa e Silva espera-se que a sociedade piauiense participe efetivamente dos eventos alusivos ao centenário cujo encerramento se dará a 23.11.85.

Para justificar a instituição do Ano que ora se inicia, não direi apenas que Da Costa e Silva é o maior poeta do Piauí de todos os tempos. Como piauiense, e piauiense preocupado com a afirmação de nossa identidade cultural, e assim em busca permanente de valores que a caracterizam e enriqueçam, prefiro vê-lo também como o mais piauiense de nossos poetas! Em verdade, ninguém como ele se identificou tão profundamente com a sua terra e soube cantá-la em versos de rara beleza e sensibilidade, e isto sem comprometer a universalidade de sua mensagem poética.

Sob esse aspecto, estas comemorações, perdoem-me a franqueza, assumem um caráter político, traduzido no desejo do Piauí de nivelar-se à grandeza espiritual de seu poeta maior.

Se os poetas nos revelam, como ensina Carlyle, o que devemos amar, a obra de Da Costa e Silva é, sem dúvida, uma permanente e incontida lição de amor ao Piauí!

EXEMPLO PARA OS QUE SE EDUCAM E EDUCAM CIVICAMENTE PARA A VIDA (*)

Transcorre amanhã, 16 de dezembro, o dia do reservista, que corresponde ao dia do nascimento do grande poeta brasileiro Olavo Bilac, patrono do serviço militar.

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, o Olavo Bilac que povoou os nossos sonhos de juventude pela beleza de suas criações poéticas, nascido no Rio de Janeiro em 1865 e lá falecido em 28 de dezembro de 1918, fez também de seus poemas um culto permanente de amor à Pátria e de exaltação dos valores do civismo.

Entendeu que a construção de um grande Brasil, a preservação de sua soberania e a sua projeção no cenário mundial, dependiam, essencialmente, da boa formação de sua juventude.

Boa formação que prepare o jovem para o exercício da vida numa sociedade de homens livres e conscientes de seus direitos e deveres; que o desperte para as virtudes do trabalho, da lealdade, da solidariedade e do respeito ao próximo; que o induza a reconhecer o valor da disciplina como forma de assegurar a harmonia social; que o estimule a

(*) Pronunciamento pela TV Rádio Clube, em 15.12.84

assumir atitudes de grandeza espiritual, sepultando o egoísmo e a ganância; que o conscientize de que a construção da Pátria — que desejamos próspera, democrática, independente e pacífica, respeitosa e respeitada no concerto das nações — é tarefa de todos, numa comunhão cívica de responsabilidade social, no dia-a-dia da roça, da escola, da fábrica, do quartel, do púlpito, do balcão, da repartição pública, da tribuna parlamentar, enfim, na constância do trabalho manual ou intelectual.

Por acreditar em tudo isso, Olavo Bilac lutou pela instituição do serviço militar obrigatório, como forma de tornar o cidadão também um soldado da Pátria, adestrado e disciplinado, em condições de atender, a qualquer momento e em qualquer lugar, à convocação em sua defesa e em defesa de suas instituições, que queremos estáveis e democráticas.

Daí haver se tornado patrono do serviço militar e fonte perene de inspiração e de exemplo para todos os que se educam e educam civicamente para a vida.

RETRATO FALADO DE TERESINA CINQUENTONA (*)

Com UM MANICACA, de Abdias Neves, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí inaugura, através do Projeto Petrônio Portella, o plano editorial do Governo Hugo Napoleão.

E o faz com singular entusiasmo, pois resgata para as novas gerações o retrato falado de nossa Teresina nos seus cinquenta anos de vida e badalação.

É uma forma de desobstruir canais de comunicação com o passado, de espiritualizar distâncias, enfim, de reavivar memórias que se perdem no correr do tempo e na omissão dos homens sem esperança.

É também uma homenagem a Abdias Neves, independentemente de sua postura ideológica ou filosófica, e, tanto quanto, aos que primam pelo pluralismo democrático e, assim, acreditam no poder das idéias e nas virtudes do livre pensar.

(*) Apresentação do livro "UM MANICACA", de Abdias Neves, janeiro/85.

PROJETO DE CULTURA, PROJETO DE VIDA (*)

Quando se reúne parcela tão qualitativa da intelectualidade piauiense, dir-se-ia ser o momento apropriado para uma prestação de contas da ação governamental no tocante à valorização de nossa cultura, em seus múltiplos aspectos.

Ouso supor, no entanto, que esta espontânea manifestação do fórum mais alto de nossa cultura, que é a Academia Piauiense de Letras, concedendo-me o honroso Diploma do Mérito Cultural Lucídio Freitas, exterioriza um reconhecimento e assim me dispensa de relatar as ações indicadoras de nossa participação no processo cultural do Piauí, nos últimos 20 meses.

Ao instituir a honraria, quiseram os judiciosos integrantes de nosso sodalício, à frente a figura culta e dinâmica do Mestre Tito Filho, que sua concessão se faça a quem tenha prestado efetivos serviços à cultura.

Diz a crônica acadêmica que somente a 10 personalidades foi ela concedida, até o momento.

(*) Pronunciamento no Centro de Convenções de Teresina, em 05.01.85, ao receber o Diploma do Mérito Cultural da Academia Piauiense de Letras.

Embora me sinta sobremodo orgulhoso de juntar-me a tão ilustre galeria, manda-me a consciência que, sendo o nosso fazer cultural uma ação essencialmente coletiva e convergente, eu a compartilhe com seus inúmeros artífices, destacando-se o eminente Governador Hugo Napoleão e os servidores dos órgãos da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, sem cujo apoio, é bem de ver, certamente não haveria motivo para esta celebração.

Sendo plural a sementeira, plural também deve ser o agradecimento. E o faço aos senhores acadêmicos em nome de uma equipe cujo mérito maior tem sido o de, a exemplo de Cristo, multiplicar os pães, suprimindo a já conhecida falta de recursos materiais com uma generosa doação ao trabalho e uma permanente exercitação da criatividade.

O projeto de trabalho que nos une e o ato que aqui nos reúne conjugam-se para dar o sentido exato dos versos de Fernando Pessoa:

"Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena."

Quero acreditar que um projeto de cultura há de ser, sempre, um projeto de vida. De vida em sociedade, onde o homem é, ao mesmo tempo, agente e destinatário dos bens culturais.

Numa sociedade de homens livres, todo projeto cultural deve visar, acima de tudo, à preservação dos valores que dignificam a vida, em cujo contexto sobrepõe a liberdade. A ausência de liberdade estiola o pensamento criador, deixando a cultura de ser processo — ato de ir —, para se converter em recesso — ato de parar.

Daí entender que o grande projeto cultural que nos aguarda, e a exigir nossa total adesão, não se prende à mera promoção de eventos, mas à necessidade inadiável de formação do novo homem piauiense, confiante em si e nas potencialidades do Piauí. Não um enfeitado da nação, mas um reivindicante consciente de que a epopéia do Jenipapo, ao fazê-lo mártir da unidade nacional, fê-lo também credor das bonanças do País. Que reconheça firmemente que o atraso econômico, em vez de envergonhar-nos, deve constituir-se em desafio a ser vencido com trabalho, talento e inteligência.

Enfim, um novo homem para o Piauí novo e cheio de esperanças e aspirações, que tenha compromisso com a vida e, assim, possa assimilar a conclamação de Carlos Drummond de Andrade:

"Vamos, não chores . . .

A infância está perdida,

A mocidade está perdida,

Mas a vida não se perdeu.

A injustiça não se resolve,

À sombra do mundo errado.

Murmuraste um protesto tímido,

Mas virão outros."

OEIRAS NÃO SE ENVERGONHA DE SER VELHA (*)

Impossibilitado de estar, aqui e agora, pelo compromisso anteriormente assumido de marcar presença no lançamento do Partido da Frente Liberal, hoje em Brasília, manda-me o Governador Hugo Napoleão que o represente e lhes diga de sua grande satisfação pela outorga da Medalha do Mérito Visconde da Parnaíba e de sua disposição em vir, quando da próxima inauguração da Pousada do Cônego, para recebê-la e agradecer pessoalmente a distinção honrosa do Instituto Histórico de Oeiras.

É com entusiasmo que registro a realização, pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, da I Jornada Cultural de Oeiras, hoje iniciada, com o apoio desta Instituição, da Secretaria de Educação, da Paróquia de Nossa Senhora da Vitória, da Prefeitura Municipal e da Rádio Primeira Capital.

Gratifica-me assistir a esta sessão cívica quando se comemora o transcurso do 139 aniversário de fundação deste Instituto Histórico e do 1629

(*) Pronunciamento no Instituto Histórico de Oeiras, em 24.01.85, ao receber a Medalha do Mérito Visconde da Parnaíba.

aniversário do gesto heróico de seu patrono — o brigadeiro Manuel de Sousa Martins, ao aplicar, com a adesão do Piauí oficial à causa da independência, o golpe decisivo no sonho português de perpetuar seu mando nestes “sertões de dentro”

Alegra-me comparecer à posse da nova diretoria do Instituto Histórico de Oeiras, à frente, mais uma vez, este incansável batalhador Pedro Ferrer Mendes de Freitas e saber que esta entidade continua viva, dinâmica, atuante, tanto quanto o desejaram os que a fundaram há 13 anos.

Honra-me receber desta Instituição a Medalha do Mérito Visconde da Parnaíba, ao lado de Herculano Moraes e de João Alberto Monteiro, este representado pela Zila, ambos submissos, tanto quanto eu, aos encantos e ao bem-querer desta cidade-relicário do Piauí de tantas lutas e tradições.

Enfim, rejubilo-me em participar desta noite tão oeirense, pois toda feita de emoção, cultura e civismo, e ouvir palavras de Dagoberto Carvalho Júnior, Pedro Ferrer Mendes de Freitas, João Alberto Monteiro e Arimathéa Tito Filho, e neles sentir uma continuada doação aos valores do espírito.

Agradeço esta manifestação em nome dos homenageados desta noite.

E ao agradecer, em nome também de nossa equipe, este gesto generoso de reconhecimento à obra que estamos a realizar em favor desta cidade, sintetizada na instalação do Museu de Arte Sacra e na restauração da Casa do Cônego, desejo reafirmar nosso compromisso, espontaneamente assumido, de continuar lutando pela preservação de seu patri-

mônio artístico e histórico, como forma de vitalizar as raízes de nossa formação cultural.

Ao fazê-lo, nunca é demais lembrar que o bem cultural, por ser patrimônio da sociedade, deve ser socialmente assumido e defendido.

Urge que se forme a consciência de que o velho é testemunho e lição de vida e, como tal, deve ser preservado pelas sociedades que não se envergonham de seu passado.

Folgo em constatar, justamente num Estado que teima em perder sua memória, que a cidade de Oeiras, repositório de bens culturais que identificam e engrandecem o Piauí, não se envergonha de ser velha e convive, harmoniosamente, com os seus fantasmas.

Mas não posso deixar passar esta oportunidade sem juntar a minha voz ao brado dos que clamam, urgentemente, pela restauração e proteção do riacho da Mocha, companheiro inseparável do nascer e crescer desta cidade e símbolo vivo de sua história.

“O Mocha sente, o Mocha sofre, chora e se maldiz” no testemunho insuspeito de Possidônio Queiroz, a esperar, ao longo dos séculos, um basta na ação depredadora dos homens sem gratidão.

Deixá-lo morrer, por ação ou omissão, seria matar o traço mais nítido da geografia sentimental de Oeiras e negar a esta cidade que, na visão poética de Dagoberto Carvalho Júnior, *parece aos nossos olhos quase morrendo, a vontade de viver ontem de novo.*

É BOM SER PIAUIENSE (*)

É bom ser piauiense e viver este momento de grandeza na crônica cultural do pequeno Piauí.

Faz bem ao espírito, por vezes desesperançado, testemunharmos o exemplo — o exemplo de devotamento aos valores da cultura — que o Governo Hugo Napoleão ora dá ao Brasil.

Se "todos os feitos dos deuses foram sonhos dos homens", como quer o poeta Da Costa e Silva, nossos sonhos em parte se materializaram com a inauguração do Palácio da Cultura, abrigando, neste prédio, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, a Fundação Cultural do Piauí e várias instituições voltadas para os ofícios da inteligência.

Mas aqui nos reunimos, também, para assinalar outros tentos da cultura piauiense:

— no cinema, com a exibição do documentário "Oeiras — Tradição e Fé";

— na música, com a apresentação do álbum do nunca esquecido poeta Torquato Neto, produzido em convênio com o Instituto Municipal de Arte e Cultura do Rio de Janeiro;

(*) Discurso de inauguração do Palácio da Cultura, em 02.04.85.

— na imprensa, com a distribuição do número especial da revista PRESENÇA, dedicado ao poeta Da Costa e Silva, como parte das comemorações do centenário de seu nascimento;

— e na literatura, com o lançamento dos nove primeiros livros editados pelo Projeto Petrônio Portella: UM MANICACA e GUERRA DO FIDIÉ, de Abdias Neves, POEMÁGICO, de Paulo Veras, Alcenor Candeira Filho, V. de Araújo, Jorge Carvalho e Elmar Carvalho, CURRAL DE ASSOMBRAÇÕES, de Fontes Ibiapina, PIAUÍ COLONIAL, de Luiz Mott, A BALAIADA NO PIAUÍ, de Maria Amélia Mendes de Oliveira, A REBELIÃO DE JOAQUIM PINTO MADEIRA, de Sócrates Brito, O MUNDO DEGRADADO DE LUCÍNIO, de Fabiano Rios Nogueira, e AS MAMORANAS ESTÃO FLORINDO, de Moura Rego.

Tudo isso é fruto de trabalho de equipe, da convergência do querer e do fazer com firmeza e determinação. Resulta do profundo convencimento de que afirmar o Piauí, torná-lo presente no contexto da Nação, exige de todos nós continuadas atitudes de grandeza. Trata-se de tarefa eminentemente cultural e política, que deve mobilizar toda a sociedade piauiense, num mutirão de lutas e devotações.

Somos gratos, profundamente gratos, à generosidade das palavras de Camillo Filho, George Mendes e A. Tito Filho, os quais, com o seu saber, enriqueceram grandemente esta noite, marcada por envolvente piauiensidade.